

Ecos de Guimarães

XII Ano — Numero 488

ORGÃO MONARQUICO

2.ª Série — 6.º Ano — N.º 41

Redacção e Administração

EM GUIMARÃES

Rua Gravador Molarinho, 47

Director, proprietario e editor

JOÃO PEREIRA DA COSTA

Guimarães, 12 de Novembro de 1927

Composição e Impressão

Tipografia «LUSITANIA»

Perto do Tribunal

Sindicato Agrícola

Importante reunião

No domingo passado reuniu-se a assembleia geral deste Sindicato presidida pela prestigiosa figura do sr. Doutor Joaquim José de Meira, secretariado pelos srs. comandante João de Paiva e capitão João Abreu de Lima.

Aberta a sessão, entre o expediente foi lido um telegrama do sr. D. José Ferrão protestando contra a obrigatoriedade dos manifestos dos vinhos verdes e suas multas, a que ficarão sujeitos os viticultores, segundo o decreto 12.866, cuja apreciação constituía o fim para que fôra convocada aquela reunião.

Em seguida foi dada a palavra ao sr. Gaspar Couto que, como delegado da Comissão de Viticultura neste concelho expôs segundo a sua maneira de ver e o daquela Comissão os fins e vantagens que derivará da regulamentação dos vinhos verdes, conforme o citado decreto, lendo também um telegrama do sr. Conde de Azevedo oferecendo-se para, em ocasião oportuna, vir à sede deste Sindicato explicar as di. posições e fins do mesmo decreto.

Usou imediatamente da palavra o sr. João de Paiva que, fazendo uma minuciosa análise daquela lei, demonstrou clara e exuberantemente os grandes inconvenientes e as exigências, por vezes vexatorias, que resultariam da sua aplicação, com a obrigação dos manifestos dos vinhos, sob pesadíssimas penalidades, em caso de falta ou de erro na quantidade declarada, que a tornam de todo impraticável para os viticultores.

A sua lúcida e convincente exposição foi muito apreciada e aplaudida por toda a assembleia, pois interpretava a opinião geral da numerosa assistência.

Referiu-se também ao Entrepósito de Gaia, sentindo que não tivesse havido reclamação contra a exclusão do comércio de exportação dos vinhos verdes naquela área, que é a única parte do país onde ele, verdadeiramente, tem estado organizado.

Seguidamente o sr. presidente mandou ler nova representação dirigida ao sr. Ministro d'Agricultura que tinha sido apresentada pelo sr. dr. João Santiago, a qual correspondeu inteiramente à maneira de ver de toda a assembleia e, por isso, posta à votação, foi unanimemente apro-

Monumentos de Guimarães

Os pontos de vista apresentados pelo nosso distinto colaborador Sr. Dr. Eleutério da Fonseca, no seu artigo publicado no «Ecos de Guimarães» de 3 de Fevereiro de 1918, são agora justamente apreciados e seguidos.

Como nenhuma outra cidade do reino possui a de Guimarães títulos de nobreza que muito a engrandecem.

Atestando essa nobreza os monumentos máximos da nacionalidade portuguesa, o Castelo e Igreja de S. Miguel, sua vizinha, onde foi baptisado o primeiro Rei de Portugal, escusado é engrandecê-los, eles falam por si.

Próximo d'elles está o palácio dos Duques de Bragança, hoje em parte desmoronado e em parte servindo de quartel militar. É facilíma e quicá não muito dispendiosa a sua reconstrução, devendo o destino a dar-se-lhe ser o de museu ou com mais propriedade ainda: o de Templo da Nacionalidade Portuguesa.

Celebrar-se hão nas suas salas, em grandes painéis pintados pelos nossos melhores artistas, os factos mais notáveis das quatro seguintes épocas em que ela se divide:

Primeira a da sua fundação. Ornamentariam as paredes desta sala quadros com a defesa do castelo de Guimarães e como consequência lógica deste facto a apresentação de Egas Moniz ao rei de Leão.

Como é bem sabido, tendo este grande português, salvo o príncipe e a fortaleza de cairim em poder dos siltadores, empenhando para isso a sua palavra, oferece a sua vida e a de todos os seus para resgate dela.

Está neste facto histórico simbolizado o máximo de abnegação, patriotismo e lealdade de que eram susceptíveis os portugueses.

Tomada de Lisboa com Martim Moniz atravessando-se na porta do Castelo para dar tempo a que os outros, chegados até ela, o invadissem — outro exemplo de abnegação impossível de ser excedido.

Tomada de Santarém. Batalha do Campo de Ourique com o milagre do aparecimento de Cristo, para mostrar que Deus está sempre com aqueles a quem move a fé e os auxilia nas grandes empresas em que se empenham.

Guardar-se lá nesta sala, como reliquia, a espada de D. Afonso Henriques que actualmente está no museu do Porto.

Estivemos em risco de perder a nossa nacionalidade quando surgiram o Mestre de Avis e D. Nuno Alvares Pereira.

A esta época se deve referir a segunda sala, representando-se nos painéis a morte do conde Andeiro, a batalha de Aljubarrota, a dos Atoleiros e a de Valverde; aqui D. Nuno entre as fragas rezando, para mostrar que a fé, longe

vada, com excepção apenas do sr. delegado da Comissão de Viticultura.

Mais resolveu a assembleia enviá-la ao sr. Ministro e telegrafar-lhe, desde logo, a protestar contra a obrigatoriedade dos manifestos dos vinhos verdes e suas consequências.

Pelo sr. presidente da Assembleia Geral foi proposto um voto de profundo pesar pelo falecimento do grande amigo da agricultura Dr. José Duarte de Oli-

veira. E assim se encerrou a sessão, uma das mais concorridas a que temos assistido na sede daquele Sindicato.

de excluir o valor o aumenta. Reliquia a guardar nesta sala o pelote de D. João I.
Perdida a nossa nacionalidade em 1580, sessenta anos estivemos sob o jugo espanhol de que nos livraram na manhã heroica do 1.º de Dezembro de 1640 os quarenta conjurados. Comemorar-se-ia isto na terceira sala, devendo os painéis representarem a reunião dos conjurados no palácio do conde de Almada, sua entrada nos Paços da Ribeira, saída da procissão da Sé, para mostrar assim como a igreja apoiou esse grande acto. Além destes a representação de uma das batalhas da guerra da independência.

Invadida a nação pelas tropas napoleónicas, tendo aliados que não só nos deixaram roubar mas ainda nos vilipendiaram, só ao esforço nacional, em que se empenharam o clero, nobreza e povo, se deve o não havermos sossobrado então. A essa época se referiria a quarta sala, pintando-se-lhe nas paredes quadros que representem a tomada do castelo de Chaves pelas milícias transmontanas. Defeza da ponte de Amarante. Catástrofe da ponte de barcas do Porto, Batalha do Bussaco, fazendo evidenciar neste quadro a brilhante carga de baioneta dada pelo S. de Braga, em que se mostra o nunca desmentido valor do minhoto. Relíquias destas duas épocas, láceis serão de encontrar. Cuarnecendo as salas manequins representando personagens históricos rigorosamente vestidos à época em que viveram.

Na capela, se já estiver canonizado, como é de esperar, a imagem do grande Condestável; e colocado sobre uma meza de mármore, em estojo envidraçado, sobre valiosa almofada, aberto na estrofe que diz: «Esta é a ditosa pátria minha amada», um exemplar dos Lusíadas, se for possível da primeira edição.

Além destas salas uma biblioteca da história de Portugal com os bustos dos principais historiadores.

Os três edifícios deveriam ficar dentro dum formoso parque que se deveria estender pelo campo do Cano e aqui viriam por certo, em peregrinação, todos os portugueses.

São estas as cousas que realmente engrandecem e dignificam uma cidade, mas infelizmente no nosso país e mesmo até lá fora, em muitas partes, não tem sido este o critério seguido pelas edilidades e até pelos poderes públicos, prevalecendo geralmente o da abertura de avenidas, imperando o espirito geométrico e tendo como supremo ideal de beleza o grande alinhamento recto. Para o conseguir a

veira. E assim se encerrou a sessão, uma das mais concorridas a que temos assistido na sede daquele Sindicato.

No próximo número publicaremos a representação da autoria do sr. Dr. João Santiago, dirigida ao sr. Ministro da Agricultura.

O Delegado Concelhio informou a assembleia de que estava facultado o prazo para a entrega dos manifestos dos vinhos.

No nosso Liceu

A data do Armistício

Realizou-se ontem no liceu desta cidade uma sessão solene, para comemorar o aniversário do Armistício e inaugurar uma lápide em memória dos antigos alunos daquele estabelecimento, mortos na Guerra.

O recinto estava engalanado com cobertores de damasco, vendo-se ao centro as bandeiras das nações aliadas.

Tomou a presidência o ilustre Reitor do Liceu, sr. dr. David de Oliveira, que pronunciou um lindo discurso explicando o alto valor destas festas cívicas e o quanto elas calam no coração da mocidade e tendem à pacificação da família portuguesa.

Terminado o seu discurso convidou para tomar a presidência o sr. capitão Fraga, presidente da Câmara que, usando da palavra, enalteceu o valor dos nossos mortos, incitando a mocidade a venerar a sua memória e a cultivar em seu coração o Amor da Pátria. Foi concedida a palavra ao sr. cônego Alberto Vasconcelos que servindo-se de alguns cantos dos Lusíadas mostrou o valor dos nossos soldados, desfolhou lágrimas de saudade sobre a memória dos seus antigos discípulos que deram a vida pela Pátria e apontou à mocidade de hoje o grande modelo de patriotismo que foi o maior cantor das nossas glórias — Luis de Camões.

Usou da palavra a seguir o sr. capitão Machado, como representante do Comando Militar, que abordou o mesmo assunto dos oradores transactos, bem como o Presidente da Academia e um outro académico cujo nome não pudemos colher. Os oradores foram muito aplaudidos. Ao encerrar a sessão o sr. Simão Costa, comandante dos Bombeiros Voluntários, disse algumas palavras bem sentidas sobre os nossos mortos em defesa da Pátria, pedindo um minuto de silêncio.

Em seguida o Presidente, sr. dr. Oliveira, encerrou a sessão agradecendo à assistência.

O «Ecos de Guimarães» agradece a gentileza do convite.

nada se atende e quantas jóias de arte e quantos monumentos históricos não teem sido derrubados para se obter um aspecto perspectivico que só é grandioso na imaginação do primário que o idealizou.

Felizmente hoje em dia estão-se reparando muitos atentaos contra o bom gôsto e contra o respeito que sempre

(Conclue na 2.ª página)

Casa High-Life

- INVERNO DE 1927-28 — Domingo, 13 de Novembro de 1927 -

Abertura da Estação, com grande e variado sortido de novidades. Confecções de pele (casacos e estolas), peluches em seda e lã, panos para casacos, lisos e fantasia, tecidos e malhas de lã, pullovers para homem, senhora e creança, calçado de agasalho, etc., etc. Chapéus para senhora e creança, os últimos modelos. —

IMPORTAÇÕES DIRECTAS - OS MELHORES PREÇOS.

Dom Miguel de Bragança

O nosso bom amigo sr. Bernardino Gomes da Silva mandou celebrar em do 9 corrente, na igreja da Colegiada, a missa do 30.º dia em sufrágio da alma do sr. D. Miguel de Bragança.

Foi celebrante o reverendo Domingos Costa Araújo.

Louças, muitas louças em porcelana, faiança, esmalte e alumínio. A's boas d'nas de casa recomendamos A Tentadora, antiga casa Martins. A CASA DAS LOUÇAS.

ANÚNCIO

(1.ª Publicação)

No dia 4 de Dezembro próximo futuro, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, e por deliberação do Conselho de Família, no inventário orfanológico a que se procede por óbito de José Fernandes, do Vilar, freguesia de S. Torcato, desta comarca, será posta em praça, para ser vendida em hasta pública, uma propriedade denominada da Casa Nova, situada no lugar de Vilar de Atães, freguesia de S. Torcato, composta de casa e terrenos, descrita na Conservatória sob os números 5.301 e 5.302 a fls. 70 v. do Livro B. 20. Vai à praça pela quantia de 4.000\$00.

A contribuição do registo a cargo do arrematante.

Pelo presente são citados os credores incertos e os herdeiros dos credores inscritos Fortunato José da Silva Basto pela quantia de 3.210\$00 e Rosa Maria Alice pela quantia de 1.500\$00.

Guimarães, 5 de Novembro de 1927.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

A. Silveira C. Santos.

O escrivão do 3.º ofício

Luis Cândido Lopes.

Monumentos de Guimarães

(Conclusão da 1.ª página)

devem merecer-nos os monumentos do passado.

Não é só entre nós, e sirva-nos isso de consólio, que bellosimos edificios históricos tem sido adaptados a quartéis recebendo da mão do homem as maiores sevícias.

Ocorre-me agora citar o imponentissimo palácio dos Papas de Avinhão, construção de 1335 a 1356, mais antigo que o de Guimarães, que serviu de quartel desde 1822 a 1906. Para o apropriar a este fim não houve barbaridade que se lhe não fizesse entaiparam-se belas portas e janelas góticas, abrindo-se-lhe um grande número de janelas, buracos rectangulares, sem carácter algum. Recobriram-se de cal bellos frescos da escola italiana e dividiram-se em diversos pavimentos a sala de audiência, de 52 metros de comprimento por 16,50 de largo, com altura superior a 20 metros. Esta magnifica sala em abóbada ogival, teve o tecto e as paredes revestidas de magnificas pinturas a fresco de que hoje só restam vestígios.

Numa parte da abóbada existente, perfeitamente conservadas, desanove personagens do velho testamento, porque um official que comandava a companhia que ficava alojada mais perto do tecto teve a feliz ideia de proteger a pintura por uma rede de arame. Tem muitas outras salas com pinturas a fresco, algumas muito deterioradas, uma bellissima escadaria monumental, sendo todas as outras escadas, e nisto apresenta muitas analogias com o seu quasi contemporaneo de Guimarães, estabelecidas no interior das paredes, que tem 4 metros de espessura.

Visitou-o o autor destas linhas em Março de 1914 e teve o prazer de ver que se procedia à sua restauração e como tam criteriosamente se faziam esses trabalhos.

Para o visitar paga-se uma pequena quantia que redunda em beneficio das obras e é grande o número de visitantes, predominando o elemento estrangeiro, que nunca se deslocaria para ir ver uma avenida ou visitar qualquer edificio moderno. Restaurados os Paços de Guimarães e dando-se-lhes o destino que pro-

ponemos aqui virão em peregrinação, repito-o, não só todos os portugueses para os quais esta cidade ficará sendo como que a Meca do culto da nacionalidade mas os estrangeiros admiradores do belo. Muito acostumado a viajar, tendo percorrido já uma boa parte do mundo, podemos afirmar que é muito maior o número de pessoas que se deslocam para a contemplação das grandes belezas naturais e do que tem interesse historico e artistico do que aquelas que o fazem com um fim meramente de goso material ou para se embevecer na contemplação de avenidas bem traçadas; quem quiser ver neste género o que há de melhor vai a Paris e mesmo entre nós a Lisboa, mas quantas outras coisas mais não há em Paris e na nossa capital, e como esta é rica no que respeita à natureza. Terminemos esta digressão.

É grande o edificio do paço ducal de Guimarães e daria além do museu e biblioteca, instituições nacionais, cabimento à Câmara Municipal do Concelho.

A despeza com esta obra, que a fazer-se seria uma obra de interesse geral do país, não deveria ficar só a cargo da Cidade de Guimarães, mas antes deveria recair a maior parte na Nação. Evidentemente que fazendo-se a reconstrução do palácio não deveriam ficar no estado de ruína o Castelo e Igreja.

Arquitectos distintos não escasseiam entre nós e um se tem evidenciado em Guimarães em obras de grande valor artistico, tendo a compreensão nítida da arquitectura medieval e um «savoir faire» que ninguém excede, apresentando ainda ultimamente um projecto para os Paços do Concelho que muito justamente obteve o primeiro premio. Citar-lhe o nome é escusado; que éle, aproveitando a ideia que acabamos de expôr, se abalance a fazer, ao menos, um ante projecto da obra, merecerá bem por certo o titulo de cidadão de Guimarães e nenhum vejo que mais possa enobrecer uma pessoa.

Foz, 3 de Fevereiro de 1918.

E. F.

Coronel Craveiro Lopes

Esteve entre nós o sr. coronel Craveiro Lopes a quem a Câmara ofereceu um almoço no Hotel do Toural. Consta-nos, pois não nos fizemos representar, que o almoço foi muito bem servido o que vem confirmar os créditos de que goza o novo Hotel do Toural.

Contra o frio. Meias e camisolas de lã, carpetes, cerovilas, polainas e polainitos, capotes alentejanos. O mais completo sortido na TENTADORA, antiga casa Martins.

Atelier de Vestidos e Chapéus

Maria Emilia da Fonseca tem a honra de convidar V. Ex.ª para visitar a sua exposição de chapéus nos dias 20 e 21 de Novembro, na rua da Republica, 91, onde se encontram modelos parisienses para senhora e creança.

CASA PENHORISTA

A CONFIDENTE

R. Grav. Molaninho, 39-43

Tendo reabrido, continua a effectuar empréstimos sobre objectos de ouro, prata, roupas e o mais que ofereça garantia.

Empréstimo a juro módico, de harmonia com o Decreto 14058.

O Proprietário,

Ernesto Teibão de Abreu.

Panos e peluches para casacos. Variado sortido. Preços sem competência. CASA HIGH-LIFE.

Dr. Alberto Baptista

Doenças da boca, dentes e maxilares

Rua Eugenio dos Santos, 136
LSBOA

Éditos de dez dias

(1.ª Publicação)

Pelo Tribunal Commercial da comarca de Guimarães, cartório do escrivão abaixo assinado, e no processo de verificação do direito de separação apenso à falência de Joaquim Patricio Saraiya, negociante que foi nesta cidade, correm éditos de dez dias, a contar da última publicação deste anúncio, citando os credores da massa fa-

lida para impugnam, querendo, dentro desse prazo, o direito de separação, nos termos do artigo 253 do Código do Processo Commercial.

Guimarães, 2 de Novembro de 1927.

O escrivão do 6.º ofício,

Agostinho da Costa Oliveira Bastos.

Verifiquei:

O Juiz Presidente, substituto, em exercicio do Tribunal do Comércio,

Gonsalo Monteiro de Meira.

Pela Instrução

Livros adoptados

Pelo ex.^{mo} Director Geral do Ensino Primário e Normal foi enviada às Inspekções Escolares a seguinte circular:

«Tendo chegado ao conhecimento desta Direcção Geral que em muitas escolas primárias estão sendo utilizados compêndios não oficialmente aprovados, sirvam-se os senhores Inspectores dar conhecimento aos professores dos seus círculos que até ao final do ano lectivo corrente, não podem servir outros livros que não sejam os oficialmente aprovados ou sejam os constantes da relação aprovada no «Diário do Governo» n.º 24 II série, de 30 de Janeiro de 1922 pág. 329 e 330.

Insiste-se assim, pelo já ordenado em circular de 2 de Abril do corrente ano.»

Ensino de labores

«Sendo de toda a conveniência que os trabalhos femininos nas Escolas do Ensino Primário Elemental sejam de modo a ter uma applicação útil e prática e, como complemento, de beneficência, queira recomendar às professoras das Escolas do círculo a seu cargo que os referidos labores devem consistir, de preferências, em artigos de vestuário e agasalho para crianças, os quais depois poderão, assim, ser oferecidos a creches, asilos, hospitais, etc. Constituirão estes actos verdadeiros exemplos morais e educativos que muito convém provocar.»

Contra a chuva. *Casacos de borracha, galochas e guardachuvas em seda e algodão. Os mais modernos, mais perfeitos e mais baratos. Na TENTADORA, antiga casa Martins.*

Antiga Casa das Sementes

J. J. Vieira de Castro

RUA DE S. DAMASO — GUIMARÃES

Vende sementes d'hortaliças de todas as qualidades e bem assim, arvoredos de fruto de Pomar; oliveiras, castanheiros, eucaliptos e vides de diversas qualidades. Mato arnal e molar.

Dr. F. Guedes de Oliveira

Médico especialista

Doenças da boca e dentes

Tratamento da piorreia alveolo-dentária

CONSULTAS DAS 9 AS 18 HORAS

Rua 31 de Janeiro, 181

PORTO

PELA PENHA

Do nosso prezado amigo sr. Armindo Peixoto, recebemos a seguinte carta:

...Sr. Director do «Ecoss de Guimarães»:

O ex.^{mo} sr. dr. Mariano da Rocha Felgueiras, em carta de Paris, concede-me a honra de explicar, por intermédio do seu conceituado jornal, a sua attitude na Comissão de Turismo.

Agradeço a S. Ex.^a as atenções e as explicações. Seja-me, no entanto, licito discordar de algumas opiniões de S. Ex.^a ao que se refere aos melhoramentos da Penha. Farei incidir os meus pontos de vista sobre as observações de S. Ex.^a; assim à primeira que diz respeito aos meus oferecimentos dum engenheiro que elaborasse a planta de um novo hotel, parque e avenidas da encosta, contesta S. Ex.^a dizendo que não se recorda das minhas cartas sobre o assunto, mas que, certamente, me teria respondido que a Comissão de Turismo resolvera empregar todos os seus esforços e recursos na realização do projecto da viação electrica.

Na minha carta anterior já expuz a minha opinião sobre o projecto da viação electrica, pois, apesar-da observação de S. Ex.^a, me convenço cada vez mais de que, sem comodidades, sem hotel, sem avenidas, sem grutas, sem parque, enfim, sem atractivos, a viação electrica redundará no maior dos desastres. E mesmo depois de feitos os melhoramentos que eu considero mais urgentes, não se poderá considerar a viação electrica como um dos empreendimentos mais rendosos, em virtude da concorrência do automóvel que hoje, (e cada vez mais), não é para desprezar. A viação electrica, por enquanto, é uma utopia, não só porque não traz resultados práticos, como também porque exgotaria todos os recursos à Comissão de Turismo e a deixaria até muitíssimo empenhada. Como meio de transporte, a Penha não sustentará mais do que uma camionete, e isso mesmo nos meses de verão e aos domingos. Eis o que eu considero como realidade, sem de forma alguma querer ferir as susceptibilidades de S. Ex.^a

Sobre a igreja dos padres jesuítas, também estou convencido, ao contrário de S. Ex.^a, de que o seu material, como sejam a telha francesa e os travejamentos, poderiam ser aproveitados com vantagem na construção do futuro templo da Penha. A pedra pode ter discussão; mas, ainda assim, muita se utilizaria e a outra seria vendida para ajudar o pagamento ao Governo da importância total do material. Muito ficaria devendo a Penha a S. Ex.^a se conseguisse a compra, por uma importância diminuta, da igreja dos padres jesuítas.

E ainda sobre a construção do templo, aproveito o ensejo para chamar sobre o assunto a atenção do clero do concelho de Guimarães que, para auxiliar tal obra, deve-

ria conseguir o saldo do Congresso Eucarístico, a cedência dos materiais da igreja de Santa Lusia e os altares de Santa Clara. Para completar a construção do templo, como já disse na minha carta anterior, seria iniciada uma subscrição pública entre os católicos do concelho. Tudo isto, levado a cabo, seria uma das maiores glórias para o clero de Guimarães.

Haverá no concelho um sacerdote, amante da sua terra e defensor da religião, que queira começar?

Sobre a inclusão da Penha no regime florestal nada tenho a acrescentar, visto estarem em andamento as formalidades necessárias para o efeito. Abro um parêntesis para sinceramente felicitar S. Ex.^a.

Resta a incidência do Imposto de Turismo sobre todas as freguesias do concelho. Desde que se trata dum bem comum, não me parece justo que paguem umas e outras não. Porém, não quero discutir os escrupulos de S. Ex.^a; bem pelo contrário eu loavaria se o tivessemos por Ministro das Finanças, pois que o actual não é tam provido de cautela...

E, resumindo estas considerações ditasas só pelo desejo de ser útil à minha terra, sustentarei que o principio das obras a realizar na Penha é a construção dum hotel, a abertura de avenidas, o ajardinamento da encosta, com grutas, etc., e a edificação dum templo. Para já, seria o bastante.

Estes melhoramentos devem ser feitos sob a direcção dum hábil engenheiro paisagista, mas com um plano de obras de conjunto e não de tentativas isoladas como se tem feito até hoje.

A título de curiosidade e para que se veja por onde começam os melhoramentos da Comissão de Turismo (exceptuo o ex.^{mo} sr. dr. Mariano Felgueiras que há oito meses se encontra em Paris e, portanto, não tem conhecimento deste assunto) informo os meus contrarêneos que há pouco tempo recebi a visita dum cavalheiro de Lisboa que andava tratando de organizar um álbum, para explorar commercialmente, com vistas de diferentes terras do país, levando por cada página quinhentos escudos. Pois a Comissão de Turismo de Guimarães deu-lhe quatro páginas, isto é, gastou 2.000\$00 escudos em fotografias e palavreado! E para quê? Certamente para que todos os turistas nacionais e estrangeiros vão à Penha admirar as suas obras...

Resta-me afirmar ao meu caro A. L. de Carvalho que o meu braço se estende em direcção à Penha, não só na attitude de quem faz uma solene promessa, mas também num gesto seguro de quem se encontra no firme propósito de auxiliar aqueles que comungam nas ideias por mim acima expandidas, e que estão prontos a concorrer para a sua realização.

A «Um Vimaranesense», colaborador de «O Comércio de Guimarães», devo a explicação de que não considero falsos amigos de Guimarães aquêles que empatarem a

O nosso Cemitério

O zelo do vereador

Visitando há dias o Cemitério da Atouguia ficamos admirados com a transformação por que acaba de passar aquele campo de repouso. Desde o jazigo mais opulento à campa mais humilde, a limpeza é rigorosa.

Pois não estávamos habituados a isso, causando dó ver aquele recinto tam desprezado em outros tempos!

Não esqueceu também a capela do Cemitério que, actualmente, se encontra reparada e bem tratada.

Bem merece os nossos louvores o sr. Vereador a cargo de quem está a fiscalizaçã do Cemitério bem como o seu actual administrador pelo zelo e amor que tem tido por aquele campo sagrado onde se encontram pessoas queridas e fragmentos da nossa alma.

Asilo de Santa Estefânia

Ofereceram donativos a esta instituição de caridade, no mês de Outubro findo, os ex.^{mos} srs.:

Administrador do concelho, da verba da assistencia 50\$; D. Maria do Carmo Noronha de Carvalho, 1 cêsto de maçã; Família do falecido sr. Domingos José Pires, em sufragio da sua alma, 50\$; Comissão Administrativa do município, duas galinhas; João da Silva, 1 almude de vinho verde, 1 cêsto de uvas, 1 cêsto de maçãs e 1 açafate de figos; Antonio Pereira Ferraz, em sufragio da alma do seu inolvidavel amigo sr. Domingos José Pires, 100\$.

Total, 200\$.

Em nome das internadas, a Comissão Administrativa agradece reconhecida.

Calçado de agasalho, para homem, senhora e criança. O mais completo sortido e o mais barato. Na TENTADORA, antiga casa Martins.

CASA

Vende-se uma casa na rua Egos Moniz n.ºs 73-75, com três andares e varandim. Para tratar, na mesma.

realização dos meus pontos de vista.

Não acredito que o fizem por má vontade, mas simplesmente pelo feito ou temperamento de *adiar antes de resolver* sem darem conta dos prejuizos que à Penha causavam.

A êsse «Vimaranesense» e a A. L. de Carvalho, os meus agradecimentos pelas palavras amigas que me dirigiram e que me confundem.

Creia-me, senhor Director, com a maior consideração

Pôrto, 8 de Novembro de 1927.

ARMINDO PEIXOTO.

CARTEIRA

Aniversários

Fazem anos, durante a semana as Ex.^{mas} Senhoras e Cavalheiros:

Domingo, 13—D. Ermelinda Montz.
Segunda-feira, 14—D. Maria José Lobo Machado e Couros Tavares e Távora, D. Elvira Gomes Ferreira Dias e João de Deus Pereira.
Terça-feira, 15—D. Maria Tereza de Barros da Rocha Carneiro.
Quinta-feira, 17—Abílio José da Cruz.
Sexta-feira, 18—D. Narcisa Ramos, D. Albertina Pereira Ferreira Mendes, Dr. António Coelho da Mota Prego e Edua do Passos, e Carlos Vasconcelos.
Sábado, 19—D. Helena Soto Maior Felgueira Cardoso de Menezes, D. Maria José Viamonte, D. Maria do Rosário da Conceição Matos Cardoso e a menina Briolanja Gomes Teixeira de Meira.

Doentes

Tem estado doente a virtuosa esposa do ex.^{mo} sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão.

Também tem estado doente a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Amélia do Amaral, dedicada esposa do nosso ilustre correligionário sr. dr. António do Amaral.

Desejamos a S. Ex.^{as} rápidas melhoras.

Já se encontra restabelecido e a ocupar o seu lugar de tesoureiro do Banco N. Ultramarino, o nosso bom amigo sr. Luis Ribeiro de Faria.

António F. de Melo

Após de ser submetido a um rigoroso tratamento da sua longa doença, seguiu para o Porto o nosso prezado amigo sr. António F. de Melo, considerado comerciante desta cidade.

Ao bom amigo deseja o «Ecos de Guimarães» pronto restabelecimento e um regresso imediato.

Correspondência

Candoso

Reina grande entusiasmo e contentamento entre as crianças desta freguesia por o «magusto» que amanhã, domingo, se realiza em honra do nosso padroeiro S. Martinho, na esplanada de S. Bartolomeu.

As castanhas serão conduzidas pelas meninas e o vinho pelos rapazes até ao alto, aonde, depois de bem assadas, principiara a magustada.

Foi lembrança e oferta do digno Padre António, que as crianças muito agradeceram.

—E' no próximo domingo, 20 do corrente, a festa ao Sagrado Coração de Jesus, principiando as práticas na próxima quinta-feira, de manhã e de tarde.

—Com sua família, regressou da Póvoa de Varzim, onde esteve veraneando, o nosso amigo sr. José Rodrigues, industrial, desta freguesia.

—De visita a seu pai, partiu para a Póvoa de Varzim o nosso querido amigo António da Silva Abreu.

Desejamos-lhe feliz viagem.—C.

Meias e polainas para criança. Grande sortido. Preços excepcionais na CASA HIGH-LIFE.

Couto & Melo, Limitada

Para os devidos efeitos se torna público que Miguel Neto Ribeiro Couto e José Ribeiro Moreira de Sá e Melo por escritura de 21 de Outubro de 1927, lavrada pelo notário abaixo assinado, constituíram entre si uma sociedade por cotas nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro—A Sociedade adopta a firma COUTO & MELO, L.^{da}, fica com a sua sede na povoação de Vizela e o seu estabelecimento é na rua Ferreira Caldas da mesma povoação.

Segundo—O seu objecto é exploração da indústria de serralharia, reparações de máquinas e o comércio de materiais de construção, e bem assim qualquer outra indústria ou comércio que os sócios entre si resolvam explorar.

Terceiro—A sua duração é por tempo indeterminado, e, para todos os efeitos, o seu começo contar-se-á desde o dia de hoje.

Quarto—O capital social é inicialmente, de trinta mil escudos, representado e dividido por duas cotas de valor igual, subscritas por ambos os sócios.

Paragrafo primeiro—A cota do sócio José Ribeiro Moreira de Sá e Melo é representada pelas ferramentas e mais valores que constituem o activo da oficina de serralharia que possui na referida rua Ferreira Caldas desta povoação, e bem assim pelos artigos existentes no referido estabelecimento.

Paragrafo segundo—A cota do sócio Miguel Neto Ribeiro Couto é em dinheiro e já deu entrada na caixa social.

Quinto—A sociedade será representada, em juízo e fora d'ele, activa e passivamente, por qualquer dos sócios, ambos os quais ficam nomeados gerentes com o uso da firma e sem caução.

Sexto—Posto que a gerência incumba a ambos os sócios a cargo especial do sócio Miguel Neto Ribeiro Couto, fica a direcção técnica dos negócios da sociedade, com direito a uma retribuição mensal que será arbitrada de comum acordo entre os sócios e com direito a habitar, gratuitamente, a casa que, para esse fim, será construída pela sociedade na sua sede.

Sétimo—Em caso algum a firma será empregada em fianças, abonações, letras de favor e demais actos ou documentos estranhos aos negócios sociais.

Oitavo—Não se poderão exigir prestações suplementares. Qualquer dos sócios, porém, poderá emprestar á sociedade, mediante o juro anual de seis por cento, as quantias que se julgarem indispensáveis.

Nono—Os balanços dar-se-hão no dia trinta e um de Dezembro de cada ano.

Décimo—Dos lucros líquidos apurados em cada balanço, separar-se ha primeiro a percentagem legal de cinco por cento para fundo de reserva, enquanto este não se achar completo e sempre que fôr precisa reintegrá-lo. O remanescente, deduzida a percentagem de dez por cento para depreciação de máquinas, ferramen-

tas e mais utensílios, será dividido pelos sócios em partes iguais.

Décimo primeiro—Os prejuizos se os houver, serão suportados por ambos os sócios na proporção que fica estabelecida para a divisão dos lucros.

Décimo segundo—Para os seus gastos pessoais e por conta da sua quota de lucros, poderão os sócios levantar mensalmente da caixa as quantias que entre si combinarem.

Décimo terceiro—A cessão de quotas fica dependente do consentimento da sociedade, á qual é, em todo o caso, reservado o direito de preferência.

Décimo quarto—Fica estipulado que jamais poderá qualquer dos sócios exercer indústria ou comércio igual ou semelhante ao da sociedade ou fazer parte de qualquer sociedade que se constitua para o mesmo fim.

Décimo quinto—Também fica estipulado que nenhum dos sócios, seus herdeiros ou representantes, poderá requerer aposição de selos, arrolamento dos haveres da sociedade, ou por qualquer outro modo, estorvar ou embaraçar o regular andamento dos negócios sociais.

Décimo sexto—No caso de dissolução da sociedade, proceder-se-ha á liquidação e partilha como se deliberar, salvo se algum sócio quizer ficar com o estabelecimento social, isto é, com todo o activo e passivo da sociedade, caso em que lhe será feita a adjudicação pelo valor em que convierem. Se, porém, ambos os sócios pretenderem o estabelecimento, haverá entre elles e será preferido o que mais vantagens oferecer.

Décimo sétimo—A morte ou interdição de qualquer dos sócios não importará a dissolução da sociedade que subsistirá com os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito.

Paragrafo primeiro—Na falta de acordo entre estes e o sócio sobrevivente, será a quota do falecido ou interdito adjudicada ao sócio sobrevivente, que pagará aos herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito, a sua importância acrescida da parte que lhe couber no fundo de reserva e dos lucros que lhe pertencerem.

Paragrafo segundo—O pagamento referido será efectuado no prazo de seis meses a contar da data do falecimento ou interdição, com vencimento de juro igual á taxa de desconto do Banco de Portugal e se for representado em letras de câmbio, estas serão garantidas com sacador idóneo.

Décimo oitavo—Em todo o omissio regularão as disposições da lei de onze de Abril de mil novecentos e um e mais legislação applicavel. Assim o outorgaram e recíprocamente o aceitaram do que dou fé.

O Notário,

António José Marques Guimarães.

Pullovers, coletes e polainas. O maior sortido, as melhores preços. CASA HIGH-LIFE.

NOTICIARIO

Exéquias solenes

Celebram-se, no dia 28 do corrente, na Igreja da Colegiada, solenes exéquias por alma do saudoso Prelado de Bragança, sr. D. José Lopes Leite de Faria, nosso ilustre patriótico, promovidas pelo Clero do concelho.

Gil Vicente

Tudo se prepara para que a festa do violinista António Guise, a realizar em 16 do corrente, resulte brilhante, nela colaborando bons elementos do Porto, em homenagem ao novel violinista.

Para que a sua festa resulte bela e atraente, a sala de espectáculos será orientada, procurando imprimir no seu programa os mais belos números dando á sua festa um verdadeiro cunho artístico.

E a prova disso é a procura de bilhetes que, os poucos que restam, estão á venda na Chapelaria Cabral.

Fábrica da Cuca

Esteve nesta cidade um dos directores da Fábrica da Cuca que veio entregar á Corporação dos B. Voluntários a quantia de 500\$ escudos como lembrança dos serviços prestados quando do incêndio.

A Corporação resolveu não aceitar a diminuta importância como irrisória.

— FOX —

RUA 31 DE JANEIRO, 79

— GUIMARÃES —

CALÇADO

de luxo, elegância e resistência para homem, senhora e criança

Gabardines DE CASACOS
Quaid. ardines DE BORRACHA
GARANTIDA

Vários artigos

Luvas, Gravatas, etc. Sortido variado. Sempre novos modelos.

Venda de carros

Recebem-se propostas para a venda de um break e um char-à-bans, bem como dos respectivos arceios, achando-se uns e outros á disposição de quem quiser examiná-los na Garage do Largo dos Duques de Bragança.